

1932

CINE

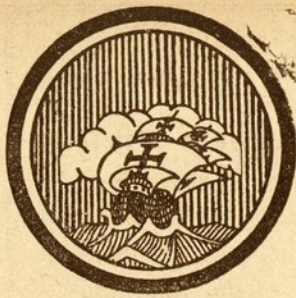
SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 150

50 CENTAVOS

ANO IX



Invicta Cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 150
PORTO
2 DE JANEIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e A. S. Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —
BERLIN: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Olympia

estreia na proxima 2.^a feira a super-
produção de **Joe May** para a UFA

A ULTIMA COMPANHIA (OS 13 HEROIS)

Filme sonoro, falado e cantado
com:

Conrad Veidt e Karin Evans

Realização de **Kurt Bernhardt**
(PROGRAMA **RAUL LOPES FREIRE**)



na capa:

Albert Brejean
e Annabella

protagonistas
do fonofilme

UMA NOITE
DE RUSGA

a propósito do que o sr. Juliano Ribeiro disse de

Dziga-Vertov e Fritz Lang

EU sei muito bem que o errar é próprio dos homens. Eu sei perfeitamente que eu mesmo sou tão susceptível de dizer disparates como qualquer outro.

Por isso não vejam, neste artigo, prosápia da minha parte, mas sim o desejo único de corrigir um êrro crasso, um êrro imperdoável ao ler a crítica ao fonofilme *Matou!* que o sr. Juliano Ribeiro trouxe a público no *Jornal de Notícias*.

Não é propriamente ao que o sr. Juliano Ribeiro disse de *Matou!* que eu me venho referir. Isso não o faria ainda que discordasse da sua opinião, porque acho que a crítica à crítica, fora de certas excepções, torna-se desagradável e irritante. Mas o sr. Juliano Ribeiro, antes de nos contar as suas impressões sobre o novo filme de Fritz Lang, quis, num pequeno introito, mostrar sabedoria, citar nomes, fazer comparações e... no final de contas, com tanta infelicidade andou que o mais que consegui foi dizer uma série de lamentáveis disparates.

Mas leiam o que escreveu o sr. Juliano Ribeiro:

«Dele (Fritz Lang) como do russo Dziga Vertov, pode dizer-se que quebrou a tradição clássica, que veio para a rua, para os campos, sófrego de vida e sófrego de emoções, a procurar, em ritmos fortes, a espantosa beleza do drama quotidiano.»

«Como Vertov—Fritz Lang leva a máquina de filmar a toda a parte, quasi sempre longe dos *studios* (sic) e dos actores, fugindo inteligentemente à beleza estática—beleza de *étalage*—de certas estrelas consagradas pelo mau gosto do público.»

Qualquer pessoa que ande um pouquinho ao par do que se passa no mundo cinematográfico, não precisa dos meus comentários para avaliar o tamanho destas tolices. Comparando Fritz Lang a Vertov, o sr. Juliano Ribeiro convence-me de que não sabe bem quem é o cinegrafista russo de quem fala e quasi me faz duvidar que tenha visto obras do mestre alemão.

Dziga-Vertov—de quem, salvo êrro, ainda não vimos em Portugal uma única obra, porque, quando se lembraram de cá trazer *O homem do aparelho de filmar*, consideraram que êste filme era demasiado *intellectual* para a mentalidade da maioria da gente que vai ao cinema—é o criador duma escola cinematográfica, a «Kino-Glas» (Cinema-Olho), «que tem por fim opor à fórmula do filme com actores, tal como ela é actualmente praticada no conjunto da produção cinematográfica mundial, a fórmula do filme sem actores, quer dizer, do filme

especificamente «documentário». É preciso que a palavra «documentário» não vos faça julgar que Dziga-Vertov não fez mais do que tentar aperfeiçoar ao máximo os princípios já utilizados pelos cineastas de todos os países e que forneceram obras como *Nanouk, Moana*, etc. O filme documentário, tal como o *concebe e organiza* Vertov e a sua escola não tem nenhuma relação com estes trabalhos. Graças à composição de imagens tomadas *unicamente* na vida—imagens reais, imagens-factos—e graças à montagem—sobre o que êle chama especial atenção—Vertov pretende fazer nascer uma emoção, uma força, um lirismo, um patético comparáveis ou superiores aos dum dos mais belos filmes dramáticos. O essencial do trabalho da «Kino-Glas» é de surpreender a vida com o aparelho cinematográfico, de juntar, assim, à volta dum tema, uma matéria que seja cem por cento cinematográfica e com ela compor obras emocionantes e belas que destruirão pouco a pouco o prestígio das obras cine-teatrais correntes.» (Léon Moussinac, *Monde*, 3 de Agosto de 1929.)

Como vêem, não é nada disso o que faz Fritz Lang. Pelo contrário, os processos de trabalho dêste realizador são de tal maneira opostos aos de Dziga-Vertov que qualquer comparação entre ambos se torna absolutamente impossível.

Diz o sr. Juliano Ribeiro que o autor dos *Nibelungos* «leva a máquina de filmar a toda a parte, quasi sempre longe dos *studios*»... e que «vem para a rua e para o campo sófrego de vida e sófrego de emoções»...

Ora valha-lhe Deus! Nem sei como o *Notícias* não foi pelos ares ao serem impressos tantos disparates juntos! Então o sr. Juliano Ribeiro não sabe que Fritz Lang nunca realiza os seus filmes fora do estúdio?? O senhor não vê que Fritz Lang nunca vem para a rua—mas «compõe» essa rua—, nunca vem para o campo sófrego de vida procurar a beleza do drama quotidiano—mas «compõe» esse drama?...

Palavra, eu quasi que ia jurar que o senhor Juliano Ribeiro nunca viu um filme de Fritz Lang!...

Mas eu compreendo o que isto foi. O sr. Juliano Ribeiro leu qualquer coisa sobre Dziga-Vertov e logo pensou que, se em alguma das suas críticas, falasse nesse realizador russo, de nome esquisito e sonante, faria boa figura e mostraria erudição. O peor é que estas coisas apanhadas no ar nem sempre dão bom resultado... e depois é o que se está vendo...

E agora, sr. Juliano Ribeiro, não me queira mal por isto... mas não caia noutra.

Alves Costa.



CONGRESSO DE VIENA



Uma imagem de O CONGRESSO QUE DANSA

V IENA, há cento e tantos anos. O mais memorável dos congressos tinha aí lugar e a afluência dos imperadores, dos reis, dos ministros e dos generais da época, tinha provocado uma animação tal que Viena ainda não a pode esquecer. As velhas ruas da antiga cidade imperial, as muralhas revestidas de eras e trepadeiras, as casinhas dos bairros Grinzing e Sievering, tantas testemunhas eloqüentes e também uma pequena placa de mármore colocada numa modesta casa, recordam aos passeantes esplendores passados: os senhores que ali repousaram das sessões agitadas do congresso—ou de algum baile ainda mais agitado, nos braços de alguma estonteante vienense.

Não se cantava já

*Es wird a Wein sein und wir wer'n nimmer sein.
Und es wird Macderlu geb'n und wir wer'n nimmer leb'n*

Viena, o congresso de Viena, que maravilhosa época! A UFA realizou um filme falado que evoca a Viena de 1815; a cidade das mesas verdes, dos ministros da política, mas também das festas rejuvenecedoras, da alegria. No cenário, um grande imperador russo, Alexandre I, apaixonou-se duma estonteante vienense, duma simples modista. Lenda? Mas não, neste momento tudo era possível, basta lançar uma olhadela sôbre a literatura da época que o provará suficientemente.

Foi em 1821 que apareceu em Viena, do editor imperial Anton Lechner, uma obrázinha intitulada «Histórias do Congresso de Viena» editada por Ferdinand Pansfaertt. Levou-lhe seis anos para escrever tudo o que se passara... à margem do congresso, em seis pequenas histórias, muito divertidas, girando à volta dum dos grandes personagens do congresso. Histórias galantes, sem dúvida, e algumas delas evocam as placas de mármore que existem ainda. Que estranha história a do ministro prussiano, que cavalgava todos os dias para Wachen para encontrar os vestígios duma pequena engomadeira que tinha visto nas ruas de Viena e da qual os seus criados tinham descoberto o nome e o domicílio?!

A rapariga habitava Prateran que se pronuncia em vienense Praderan. Esta não se encontrava sômente a mil léguas da Wachen mas estava precisamente no bairro do ministro. O escritor vienense, diz nos que Sua Excelência teve de contentar-se no oitavo dia com uma outra qualquer engomadeira.

Um observador diferente d'êste, mas também imparcial, Olaf Langstrom evoca «As entrevistas do Congresso de Viena». Bem entendido que se trata de entrevistas inoficiais. Isto valia bem, diz êle, as festas dos velhos romanos, porque tão ricos trajes, tão divertidas as mascaradas e sobretudo o entusiasmo de que se possuía a população, não eram certamente conhecidas no tempo de Nero.

«Mas não esqueçamos ainda, junta êle, que várias tentativas de suicídio se produziram entre jovens vienenses e as suas criadas não recebavam fazer o mesmo». Eis como um certo Wassili Strogabaschow que fazia ao

tempo os seus estudos em Viena, aprecia num panfleto apresentado logo seguidamente à partida do imperador Alexandre I depois da sua permanência em Viena durante o congresso. «Alexandre I, diz, era daqueles que faltava inevitavelmente quando se tratava de tomar uma resolução de importância. Houve ocasiões em que os revolucionários russos poderiam tentar um golpe de Estado se soubessem o que corria por Viena. Mas sabia-se que o príncipe Metternich foi causa da frequência destas faltas; não teria êle até certo ponto pago largamente o «serviço patriótico» que prestava a rapariga que Alexandre ocupava em todos os momentos disponíveis?» A afirmação que se faz é completamente lisonjeira.

Também um nobre alemão, Hans Joachim von Gleichen, conta-nos coisas picantes sôbre o genial ministro austriaco. A sua brochura «A' sombra de Metternich, quando era ministro» conta-nos o que viu quando foi hospedeiro, porteiro e intérprete durante os dias do congresso. Diz que Metternich tinha na mão todos os cordelinhos, com que movimentava as personagens d'êste congresso. As pequenas vienenses, não merecem bom conceito a von Gleichen; a ligeireza dos seus costumes, o seu coração muito acolhedor, irritam-o «Uma igual dissolução de costumes, escreve êle, não seria possível na Renânia». Contudo as raparigas vienense, passaram sempre por muito sérias. Mas von Gleichen, não teria levado qualquer «nega delas»?

Honoré Balzac, escreveu igualmente uma pequena novela sôbre o congresso de Viena. Aparece no volume «Aventuras amorosas». É a história dum oficial francês que deixa em recordação à sua noiva vienense um medalhão—e uma filhinha. Não a encontrou mais. Procurou-a durante semanas e durante meses. Mas uma bela tarde viu no teatro uma atriz que trazia o seu medalhão. Depois da representação foi ter com ela e verificou que era a sua filha. Balzac conta que estes amores tiveram origem no congresso de Viena duma divertida maneira parisiense.

Lamenta pouco a mulher perdida e lança palavras admiráveis na ocasião do encontro do pai e da filha. Mas isto Balzac conta-o melhor que nós.

Croyce Hughesnew foi igualmente testemunha do congresso de Viena. Chama-se o seu livro simplesmente «Stories of the Wiener Congress». Este livro apareceu em 1817 editado por Lyonel Stuart, em Londres: É preciso dizer isto, logo a seguir ao nome do autor, para não revoltar o sangue inglês. O que se passou seria uma conduta digna de excelências, de duques e de reis? Como conciliar esta vida com o aspecto das tradições seculares? Este conta-nos as festas havidas nos palácios, até quando os senhores do congresso levaram o exagêro a aparecerem no meio do povo ou a falarem nas sombras hospitaleiras, nas casas isoladas, em obscuros parques com as filhas de modestos artistas; o nosso inglês julgava que o mundo ia rebentar. Assim êle pinta aos seus compatriotas, os dias de Viena com as côres mais sombrias, conjura os a atacarem êste estado de coisas e sobretudo a não os imitarem nunca. Depois descreve, da maneira mais indecente, as diversas aventuras de algumas altas personagens, nas quais não figuravam britânicos, no dizer do autor.

Ainda bem que anos depois duma permanência em Viena, onde havia conhecimento do seu livro, pagou bem o que tinha escrito. Porque tendo jurado não pôr o pé em «sombrias hospedarias»—maneira porque designava os célebres albergues situados nos arredores de Viena, achou-se aí bem durante uma noite. Pior para êle, por-

(Continua na pág. 10)



o argumento de

Ressurreição

filme interpretado por Lupe Velez e Gilbert Roland.

Distribuído por Castelo Lopes. Lm.da

jurou que jamais a esqueceria. Trocaram as cruzes que lhes pendiam do pescoço, enquanto Dmitri murmurava: «A tua imagem está sempre comigo!» E Katusha, os olhos arrazados em lágrimas, viu o amado partir, certa, porém, de que nunca a esqueceria e que um dia poderiam realizar, enfim, aquele lindo sonho de amor, nascido entre beijos e risos.

Na Rússia de outrora, na velha Rússia rural de 1876, no tempo em que imperava o absolutismo de Alexandre II e ainda se mantinham de pé tôdas as tradições do vasto e sofredor império dos Tzares. Por êsse tempo, depois de ter feito o seu curso superior, volta Dmitri para o seu longínquo recanto natal, o nobre solar onde os dias corriam sempre monótonos e onde o esperavam duas velhas e nobres tias, as princesas Marya e Sophya.

Dmitri Nekludoff reviu ali a linda Katusha Maslova, criada da casa, orfã de pai e de mãe, e que era agora uma linda rapariga, viva e alegre, boa, generosa e crente. Dmitri sentiu-se prêso pelos encantos da pequena. Ela, ingénua e pura, sem reflectir na diversidade da condição de ambos, deixou-se embalar naquele sonho de amor, acreditando na possibilidade de uma ventura que viveria enquanto ela própria vivesse. E os dias para os dois corriam entre beijos e risos, não sem que a velha princesa Sophya temesse pelo fim daquela aventura de um nobre com uma simples e humilde criada.

As sucessivas cartas enviadas de S. Petersburgo vieram, no entanto, apressar a interrupção dêsse idílio. A nova de ter, enfim, o príncipe Dmitri Nekludoff sido admitido na famosa Guarda Imperial chegou mais cedo do que teria desejado o principal interessado.

A separação de Dmitri e de Katusha foi dolorosa. Ele

S. Petersburgo, a capital do império, centro de prazeres e de devassidão. Que era a célebre Guarda Imperial? Um corpo de nobres orgulhosos e prevertidos, que passavam as noites nos *cabarets* elegantes, entre rameiras de alto bordo e taças de champanhe. Dmitri, hesitante a princípio, não tardou em se entregar de corpo e alma àquela vida de prazeres. Trasmudou-se, habituou-se ao meio, manteve as «tradições» da Guarda.

Tempos passam. Dmitri é outro homem. Rompem as hostilidades na fronteira turca, e

(Continua na pág. 14)



Um novo filme português

Subi as escadas da estação do Rocio a quatro e quatro. Cheguei lá acima, e depois de correr com os olhos todos os cantos, respirei aliviado.

— Uff! Tinha sido o primeiro a chegar!

O Antero Faro, na véspera, tinha-me convidado a ir com a «troupe» tãda a Alverca, para assistir à filmagem de algumas cenas do novo filme que o António Leitão, assistido por ele, Faro, estava a realizar.

Aceitei o convite e ele recomendou-me com ar definitivo:

— Então às nove horas, amanhã, na estação. Nem mais um minuto, hein?

Eis aqui a razão porque naquela manhã eu subia a tãda a velocidade as escadas do Rocio.

Mas, como a pontualidade na nossa terra é uma coisa muito vaga, eu apesar de ter meio minuto de atraso, tinha sido o primeiro.

Daí a momento chegaram também muito apressadas a Heloisa Clara, a irmã — uma garota que tem a mania de se parecer com a Louise Brooks — e mais algumas raparigas.

Depois foram chegando, com pequenos intervalos, o imponente Salazar Diniz e a sua ECLAIR, o Eugénio dos Santos — lembram-se do Cegonha da «Castelã das Berlengas»? — e a Virginia Soler.

Faltavam dois minutos para a partida quando apareceu o Antero Faro.

Entramos todos mais ou menos de roldão e, pouco depois de nos termos encaixado numa carruagem, o combóio partiu.

Em Entre-Campos entrou o António Leitão e o resto da malta: a Lina Fontoura, dois operadores, e mais algumas pessoas ambos os sexos.

Chegamos a Alverca.

Devido a vários e inesperados contratemplos não se pôde filmar antes do almoço.

O Faro, muito aborrecido com a demora, veio conversar comigo e contou-me o argumento.

Eu não o reproduzo, mas sempre vos direi que se trata duma comédia, cujo principal intérprete é o Cegonha, que faz o papel dum aviador «por amor dela».

Não há protagonista feminina. Aparecem apenas vinte interessantes raparigas, que constituem um curso de aviadoras civis, e que se enchem de fazer partidas ao pobre do Cegonha.

Como figurantes aparecem também quãsi todos os aviadores de Alverca.

DE LISBOA

— Este filme, diz-me o Antero Faro, tem por principal objectivo mostrar a nossa aviação.

A maior parte dos portugueses desconhece o arrojado e o valor dos nossos pilotos.

Tãda a gente, quando num filme de actualidades vê aviadores doutras nacionalidades fazerem perigosos exercícos de acrobacia, abre a bõca de admiração e não sabe que os nossos pilotos fazem o mesmo com igual perfeição.

E' isso que nós vamos tentar mostrar num filme despretencioso e modesto.

Enquanto falávamos, as raparigas divertiam-se o melhor possível.

Subiam de avião, andavam de moto, de bicicleta, a cavalo, faziam corridas a pé, pintavam o diabo...

O Antero Faro e eu fomo-nos juntar a elas, e a manhã decorreu no meio da maior alegria e da melhor camaradagem.

Só o Salazar Diniz é que, de vez em quando' com uma enorme ansiedade no olhar, perguntava a que horas era o almoço...

Esta hora chegou finalmente e a refeição, que foi servida na mess dos oficiais, decorreu alegremente.

Depois do almoço, começou-se a filmar.

Fizeram-se algumas cenas mimadas pela Heloisa Clara, — que é no filme a mais travessa das vinte aspirantes a aviadoras — pela Virginia Soler e pelo engraçadíssimo Cegonha.

Filmaram-se também varios aspectos dos aviões em pleno vôo, para o que foi utilizado um balão cativo.

A's cinco e meia regressou tudo a Lisboa.

Vinham todos satisfeitos com o trabalho feito, e até eu, que passara o dia quãsi que exclusivamente a observar o que os outros faziam, vinha muito convencido que tinha feito alguma coisa...

A um homónimo Em cada número de «a legenda» tem vindo uma crónica assinada por «fernando».

Ora como o autor dessas crónicas não sou eu, peço encarecidamente — e dêsdê já agradeço — ao meu ilustre camarada a subida fineza de passar a assinar-se de outra forma, visto eu já o fazer desta há bastante tempo e nenhum de nós ter interesse em que sejamos confundidos.

Basta já que depois de mim tenha aparecido uma Fernanda...

Lisboa, Dezembro, 31.

Fernando.

B O N U S

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

PASSOS MANUEL

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 7 de Janeiro de 1932.

O L Y M P I A

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 7 ou 9 de Janeiro de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 9 de Janeiro de 1932.



AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

cumprimenta os seus amigos, clientes e cinéfilos do Norte (a quem recomenda o grande sucesso de **O Congresso que dança**, no **S. Luís**, e a próxima estreia de **Anny e os carteiros** no **Central**, de Lisboa, e que em breve serão exibidos no **Pôrto**), desejando-lhes um Novo Ano muito feliz e prometendo-lhes, para 1932, várias surpresas sensacionais na escolha dos seus programas.



Norma Shearer,
famosa artista da METRO,
que esta época vos apare-
cerá em *A Divorciada*, e
Kay Johnson,
que veremos brevemente
em *Madame Satan*.

Albert Préjean e Annabella, os bellos intérpretes de «Uma Noite de Rusga», vão trabalhar na Alemanha, sob a direcção de Carmine Gallone, no filme «Filhos da America».

Jean Nurat, Kate de Nagy, Jeanne Marie Laurent, Marguerite Templey, Pierre Brasseur, Lucien Callamand, Marcel Vallée e o impagável Armand Bernard, serão os intérpretes da versão francesa da nova produção de Erich Pommer «Le Vainqueur».

Dorothy Jordan, simpática artista americana que durante longo tempo trabalhou na M. G. M., foi recentemente contratada pela RKO-Pathé, para interpretar um dos principais papéis de «A esquadilha aérea perdida», filme cujo argumento se parece com «A Patrulha da Alvorada». Nesta produção actuarão também: Eric Von Ströheim, Richard Dix, Joel Mc Crea, Hugh Herbert, Eric Linden e Mary Astor.

Helen Twelvetrees, artista da *Pathé*, encontra-se presentemente em New York, onde foi passar as férias do Natal na companhia de seu marido. Em meados do corrente mês, voltará para Hollywood.

Dolores Del Rio, terminou recentemente o filme «The Dove»

Durante o banquete realizado ultimamente pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, o actor Ivan Lebedeff, perdeu um precioso anel com rubis o qual já pertencia à sua família há cerca de 150 anos.

A partir do dia 1 de Janeiro do corrente ano, John Barrymore faz parte do elenco da «Radio Pictures».

Segundo o resultado de um concurso efectuado em Hollywood, foram classificados como os melhores directores de filmes americanos os seguintes realizadores: Ernst Lubitsch; Lewis Milestone; Josef von Sternberg; King Vidor; Richard Wallace; Rouben Mamoulian; John Cromwell, George Fitzmaurice; Frank Borsage; George Hill e William Wellman.

© filme «A Cidade do Canto», que já vimos há meses, foi comprado pela *Paramount*, afim de ser distribuído por esta empresa nos Estados Unidos.

A *Fox-Film*, despediu recentemente quatrocentos empregados tendo feito uma grande redução nos ordenados daqueles que ainda a servem.

Sob a administração do Governo de Moscú, S. M. Eisenstein e King Vidor, vão realizar em Hollywood um filme baseado na vida de Staline o qual terá por título o nome daquele homem de estado.

«**T**he Cuban Song», é o título do último filme interpretado pelo famoso actor cantor Lawrence Tibbett. Lupe Velez, Ernest Torrence, Luisa Fazenda e Hale Hamilton, trabalham também nessa produção.

NOTICIÁRIO

© filme «Uma Noite de Rusga», acaba de se estrear em New York onde tem obtido enorme sucesso. Presentemente, exibem-se naquela cidade dez produções europeias.

Não sendo permitido nos Estados Unidos filmar-se qualquer moeda verdadeira daquele país, a *Paramount* mandou fazer um milhão de dollars falsos para serem usados nos seus filmes.

Clara Bow, a irresistível protagonista de inúmeros filmes, vítima ultimamente da sua própria bondade e do seu carácter alegre e despreocupado, foi contratada pela *Columbia Pictures*, afim de trabalhar em alguns filmes.

A primeira de «Viva a Liberdade», em Paris, foi um retumbante sucesso. Uma brilhante assistência, da qual faziam parte numerosas personalidades políticas e literárias, recebeu o novo filme de René Clair com enorme entusiasmo.



Uma imagem do grande documentário
A VOZ DA AFRICA
que muito em breve se exhibirá nesta cidade.



Uma cena do fonofilme **UMA NOITE DE RUSGA**, que na próxima segunda-feira se exhibe no **AGUIA D'OURO**.

Lua Nova (New-Moon)

UM filme lírico, natural fruto da época de transição que o fonocinema está atravessando. Trata-se duma obra mais teatral do que cinematográfica, de cenário muito singelo e convencional, devendo a maior parte do seu valor a Lawrence Tibbett e a Grace Moore, dois cantores reputados e de incontestáveis méritos. *Lua Nova* é um dos tais filmes que deviam ser apreciados mais por críticos musicais do que por críticos cinematográficos e que nós, amigos de cinema, não podemos aplaudir — nem aplaudimos — porque queremos para arte das imagens uma sorte melhor. Todavia, além do atractivo da voz de Lawrence Tibbett, *Lua Nova* dá-nos um fragmento movimentado, emocionante, violento e muito bem composto: o ataque ao acampamento dos turcos.

Estreado no *Aguia d'Ouro* em 14 de Dezembro.

Monte Carlo (Monte-Carlo)

UM bom filme «para público», como é costume dizer-se. Para mim, um espectáculo agradável... e mais nada. Ernst Lubitsch vai descendo, vai perdendo personalidade. Vai-se vulgarizando. O seu filme *Monte Carlo* foi para mim uma decepção. Eu reconheci a subtilidade de certas cenas, a graça de muitos diálogos, a beleza de toda a partitura, mas... o argumento é tão frágil, tão frágil... e a realização (sem erros é certo e nem outra coisa

seria de esperar...) tão próxima do vulgar que fiquei desconsolado. E depois, convençamo-nos duma coisa, como muito bem diz José Régio na «Presença» a propósito doutro filme: «boas vozes, bons bailados, boa música, bons actores, boa fotografia, bons ângulos e enquadramentos (e virá tempo em que as vozes, a música, as danças, poderão deixar de ser parte obrigada do cinema sonoro) ainda *não bastariam*, mesmo, à realização dum bom fonofilme, isto é: duma obra de arte».

Estreado no *Trindade* em 15 de Dezembro.

O Senhor Director (Dactylo)

WILHELM THIELE não volta a fazer um novo *Caminho do Paraíso*, felicíssimo filme que iniciou uma corrente fonocinematográfica muito do gosto do público de todo o mundo. Não importa. Com *O Senhor Director* deu-nos um espectáculo delicioso, ao qual se assiste com sorridente e agradável despreocupação. O cenário de *Dactylo* é uma história sem complicações, que não requiere nenhum esforço do espírito, mas que, também, não pretende mais do que manter-nos durante quasi duas horas agradavelmente dispostos. E isso, W. Thiele consegue-o sem dificuldade, muito ajudado por Armand Bernard — um grande actor cómico, que conquistou rapidamente os favores do nosso público — Marie Glory — uma jovem artista, que revela nesta produção grandes merecimentos e que nos enebria com a sua trasbordante alegria, vivacidade e juventude.

Além disso a música de *O Senhor Director* é muito bonita, as situações cómicas repetem-se com frequência, a acção está bem conduzida e o diálogo é agradável, ligeiro e inteligente.

Estreado no *Aguia d'Ouro* em 21 de Dezembro.

O Presídio (Big-House)

UM magnífico filme sonoro. Argumento e realização notáveis. Uma obra que é preciso ver com cuidado e que faz pensar. No próximo número, porque neste dizem que já não tenho espaço, falarei largamente dêste filme.

Estreado no *Trindade* em 22 de Dezembro.

Alves Costa.

O CONGRESSO DE VIENA

(Continuado da pág. 4)

que o hoteleiro, tendo-o reconhecido, denunciou-o. Não o submeteram a torturas nem o afogaram; limitaram-se a fazê-lo beber até se tornar incapaz de diferenciar um navio da catedral de Saint'Etienne. Depois assim borracho, meteram-o num carro que de manhãzinha, o depositou meigamente no passeio fronteiro à embaixada de Inglaterra. Desta vez, não contou a ninguém a segunda visita a Viena...

Como vimos, o congresso de Viena realizou-se numa época maravilhosa! Fazia-se politica... amava-se e dançava-se. Foram estes os mais belos dias que a cidade imperial passou.

Graças ao filme da UFA, produção Erich Pommer, *O Congresso que dança*, e sobretudo á admirável *mise-en-scène* de Erik Charell, por algumas horas, esta Viena de poesia, de graça e de alegria vive diante de nossos olhos.



A mais recente fotografia da graciosa **LILIAN HARVEY**, que o sonoro elevou à categoria de grande estrela mundial, destronando em popularidade as vedetas americanas. **O Congresso que dança**, em que ela nos aparece na sua última criação, está passando no **São Luís** de Lisboa há três semanas, ao mesmo tempo que se exhibe com o maior sucesso em Paris, Londres, Berlim, Viena, Praga, Amsterdam e Copenhague. **O Congresso que dança**, que é o acontecimento desta temporada no meio cinematográfico internacional, será apresentado no Pôrto ainda êste mês no Cinema Águia d'Ouro. Programa da **Agência Cinematográfica H. da Costa, L.^{da}**

Guidita — Pôrto — Muito e muito obrigado por tudo. Você é realmente uma rapariga gentilíssima... eu é que não mereço tanto. Retribuo boas-festas e espero que apareça de vez em quando.



Ramon No... gesso — Pôrto — Que tem sido feito de si? Julguei que nos tivesse abandonado e já lhe chamara ingrato... Afinal Você continua finíssimo. Com respeito à sua primeira pergunta pode acreditar no que lhe disseram. E'

Asmodeu — Funchal — Não senhor, nunca estive nas ilhas. Folgo que aí se encontre melhor do que em Ponta Delgada. De acôrdo com as suas opiniões sôbre os filmes que viu em Lisboa. Ainda não ouvi falar, creio eu, em nenhum filme com o título que Você diz. Porque me pergunta isso? Muito obrigado pelos seus desejos de boas-festas. Espero que Você tenha um feliz ano-novo. Então o amigo ficou «banzado» com as pernas de Marlène?!... Não admira. — Marie Glory: 3 rue Berton, Paris (17), França; Ivan Mosjoukine: Berlin W 15, Kurfürstendamm, 195 — Alemanha; para Heloísa Clara escreva por nosso intermédio.

Mar-e-Alva — Pôrto — Eu acho que não merece aqueles panegíricos... mas como côres e gostos não se discutem, deixo dizer. Você tem razão. Vamos evitar isso. A Continental Filmes parece que estourou. O cinema em Portugal é assim... *Congresso que dança* deve ser exibido no Aguiá d'Ouro em Janeiro. Retribuo os cumprimentos de boas-festas.

Estudante cinéfilo nudista — Pôrto — Para responder convenientemente à sua carta necessitava de muito mais espaço do que o que me é possível conceder-lhe, mas, mesmo assim, vamos a ver se consigo ser suficientemente claro e resumido. Sim senhor, desde há muito que a escola alemã caíra ruidosamente. O cinema germânico pode dizer-se que nasceu com a guerra. Fechada entre quatro paredes, a Alemanha viu-se sôsinha e obrigada a trabalhar para si e por si. O seu cinema desenvolveu-se então consideravelmente tomando logo um aspecto muito nacional, muito particular, que não tardou a formar «escola», escola que sôbre o cinema mundial teve notável influência e que tocou o seu apogeu durante os anos 1924 e 1925. Em três periodos se pode dividir o cinema alemão: 1.º: o periodo expressionista (do qual *Caligari* e *Os Nibelungos* são dois grandes exemplos); 2.º: o periodo psicológico (*Rua sem Sol*, *A Ultima Tipoiã de Berlim*, *O Ultimo dos Homens*, *O Pato Bravo* e *Variedades* são algumas das melhores produções dessa corrente); e 3.º: o periodo comercial que começou pouco depois de *Variedades*, o canto do cisne do cinema alemão, segundo a opinião de Charansol e R. Jeanne. Esta terceira fase, que foi a ruína da escola alemã, foi devida à internacionalização, à desnacionalização do cinema germânico e à habilidade americana que lhe roubou os melhores elementos. Depois de *Variedades*, ainda por algum tempo a Alemanha conseguiu manter o seu lugar, dando-nos ainda algumas obras de valor. Mas a queda não tardou a ser rápida, para só parar com a vinda do sonoro. Durante os anos que precederam a era sonora foi Fritz Lang o único que se manteve firme. — Sim, em *Matou!* há realmente algumas demoras que poderiam ser encurtadas. E' possível que Fritz Lang tenha pretendido reforçar a intensidade dumas passagens pela moderação de outras, o que realmente consegue, mas no conjunto, a obra não fica com uma unidade absoluta. Quanto aos pontos de contacto com René Clair não são muitos. Fritz Lang mesmo quando foi irónico conservou-se trágico. René Clair não é só ironista. René Clair, troça e vergasta... mas conservando uma delicadeza muito pessoal, uma subtilidade muito sua. Escreva sempre, mas olhe que não lhe prometo poder dar-lhe outra vez uma tão grande resposta.

Cinéfilo debutante — Pôrto — Está enganado, isso nunca se poderia dar. Parece que a Pola Negri ainda escapou desta. E' como os gatos... tem sete folgos... o que, aliás, só nos deve alegrar. Cá fico esperando a sua crítica a *O Presidio*. Agradeço cumprimentos de boas-festas e desejo-lhe um feliz ano-novo.

A. R. Gomes Júnior — Vila Real de Santo António — Não sei a que se quer referir.

absolutamente verdadeiro. Parece que *Anjos do Inferno* sempre será exibido entre nós. O que digo de *Matou!* O que todos nós temos dito nesta revista: Que se trata dum magnifico fonofilme... como certamente não veremos muitos esta temporada. Daniele Parola diz que está à espera da sua carta na rua Raynouard, 24, Paris (XVI), França. E' uma tolice não nos darem as versões originais dos filmes. Uma tradução, por muito boa que seja... é sempre uma tradução. Obrigado pelos desejos de boas-festas. Desejo-lhe um feliz ano-novo!
P. S. — Olhe, a Daniele Parola deve estar agora em Berlim, escreva-lhe só daqui por algum tempo.

Amarelo — Pôrto — Detesto essa côr! A direcção de Claire Rommer é: Berlim, Shöneberg, Inusbenckers-trasse, 18, Alemanha. Retribuo cumprimentos de boas-festas.

A Partenaire do Fernando — Lisboa — O mistério que a envolve continua, até agora, indecifrável. Permita, mesmo, que a felicite pela habilidade com que tem conseguido manter uma série de pessoas altamente intrigadas. Desta vez tive de pedir ajuda ao amigo Alves Costa (como foi que Você soube que ele teve... como direi?... que êle fez em tempos... uma «aliança luso-africana»?), mas nem assim consegui descobri-la. Muito prazer em conhecer epistolamente êsse tal senhor que põe ovos de chocolate para a Zizi... Diga-lhe que nos mande uma caixa dêles cá para a redacção, que nós somos muito lambareiros. — Está-me a parecer, pelo que Você me diz, que os bigodinhos fotogénicos influem muito nos coraçõezinhos das meninas lisboetas. Porque será que as cinéfilas da capital preferem os lábios com ornamentos capilares?... — Nem me diga! Então o «sweetheart» da menina da franjinha foi destronado?? E ainda há quem se fie em mulheres!... — Não estou autorizado a dar a morada dos dois galãs. — Com que então Você ficou babadinha pelo José Mojica! (cautela, não troque as letras...) Ainda não vi *Loucura dum beijo*, mas faço ideia... Você perdoe eu acabar já, mas há ainda muita gente para atender. Até à semana e obrigadinho pelo «chôcho».

Um Académico — Pôrto — Então, gostou do número do Natal? Espero que sim. A sua crítica a *Matou!* está feita com juízo. A respeito de «Amo um Académico» leia o que lhe digo no último correio. A. Costa agradece as felicitações. Já lhe disse que pode escrever-nos sempre que queira... e não se esqueça de fazer a propaganda da nossa revista. Até breve!

S. S. — Pôrto — A Direcção agradece-lhe ter feito nma assinatura anual e retribui desejos de felicidades para o novo-ano. — Colette Darfeuil: 7, rue de Théâtre, Paris (15), França. E' conveniente mandar três ou cinco francos.

Amok.

FOTOGRAFIA GUEDES

PRIMEIROS PRÉMIOS
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES
A QUE TEM CONCORRIDO

346, Rua de Santa Catarina, 350

Georget é um marinheiro que, tendo vindo de licença a Paris, é surpreendido nessa noite, ao passar numa rua, pela rusga da polícia.

Uma rapariga agarra-se-lhe afitivamente, pedindo-lhe que a salve.

Georget, quando exhibe aos polícias os seus documentos, declara que ela é sua mulher. E depois acompanha-a.

— Esperam-te em casa? pergunta-lhe êle.

— Sim.

— Ah! E... como se chama *êle*?

— Bobby.

— És tu quem o sustenta?

— Pois com certeza.

— Então... boa noite.

— Não quer subir, dar boa noite a Bobby? Tem medo?

— Medo? Eu!

E sobe, Bobby é, apenas um gato, o companheiro de Mariette, rapariguinha honesta, cantora de *music-hall* que fica doida por Georget, num grande amor que se advinha logo.

Um dia, por brincadeira, quando andavam os dois na feira do Throno, Georget aceita o repto lançado aos espectadores por Charly, um antigo campeão de *box* em decadência.

Georget recusa-se a aceitar qualquer *truc* no jogo e sai vencedor.

Mas à alegria da vitória vem juntar-se uma sombra de compaixão por aquele homem de aspecto desgraçado e que já foi alguém. Chama-o para a sua mesa no café, anima-o com palavras duma amizade que vai nascer entre ambos.

E Charly pergunta-lhe:

— Onde aprendeste a jogar o *box*?

— Eu?!... tenho apenas jogado o soco... em desordens com marinheiros.

— E' formidável... se tu quizesse, eu fazia de ti o que eu fui, um campeão. Simplesmente é preciso dinheiro, vinte mil francos para pagar os treinos...

Ora Charly é professor dum ridículo Barão, que tem dinheiro e a mania do *box*. Na lição do dia seguinte Charly, enquanto consente que o Barão entusiasmado o atinja, vai-lhe falando em Georget e na necessidade do dinheiro. Os vinte mil francos aparecem: o Barão vai pagar as despesas. E os treinos começam e a noite de combate para o campeonato de França chega.

Georget num combate decisivo conquista o título de campeão.

O público, que o recebera friamente, aplaude-o com delírio. E o Barão exulta como se fôsse êle o vencedor, não fala senão de si aos jornalistas que o entrevistam e acaba por levar Georget e a sua comitiva para uma ceia *chez Monseigneur*. Mariette não os quiz acompanhar, foi com Fred, o antigo palhaço da baraca da feira, esperar Georget em casa, onde tinha preparado, com infinitas notas de ternura, a ceia da vitória. Mas Georget demora.

Chez Monseigneur, Yvonne, uma *demi-mondaine* que o Barão convidára, dança com êle constantemente. Charly vendo nela um perigo para Georget que no dia seguinte deve assinar o contrato para o campeonato da Europa, diz ao Barão: — Decididamente, de-testo estas *demi-mondaines*.

E o Barão:

— Mas que mania a sua. Eu não posso passear com a minha creada de quarto. Charly tinha razão. Georget vai com Yvonne e é já dia claro quando regressa a casa. Mariette está triste. Aquela noite mostrára-lhe que a sua hora tinha passado, que o ambiente de triunfo desviaria para outra o seu Georget. E depois de lhe ouvir todas as explicações, de ter ouvido os seus projectos de futuro, diz-lhe que vai partir numa *tournee* e, desolada sai.

Georget pensa apenas em Yvonne. Ao assinar o contrato para o campeonato da Europa não aceita a divisão da bolsa.

— Toda, se eu ganhar... nada, se eu perder.

E depois... o dia do combate aproxima-se, os treinos não começam.

Yvonne prende Georget em Deauville. Em vão Charly tenta chamá-lo á realidade. Georget corta com Charly. Sente que não está em forma, mas uma única coisa o preocupa. E pergunta a Yvonne:

— Gostarias de mim se eu não fôsse campeão?

— Mas tu és campeão.

— Sim... mas, se eu fôsse vencido?

— Tu não podes perder... eu sou a tua *mascotte*.

Entretanto Charly procura Mariette e diz-lhe:

(Continua na pág. 14)



na próxima segunda-feira no
CINEMA AGUIA D'OURO

a Guarda Imperial, chamada aos campos de combate, passa pela aldeia do jovem oficial. Acampariam um pouco além de Nekludoff pernoitaria em casa. Katusha sente o seio arfar. Vai, enfim, rever o amado. Esse momento de felicidade chega, mas a verdade é que Katusha sente como que qualquer modificação naquele homem que era o seu enlêvo, o seu sonho, a sua vida. Será porque êle veste uma farda? Não, ela não gosta de soldados! Porque será?...

Katusha não pode fugir a atracção. Dmitri já tem outras teorias em matéria de amor. Katusha amava-o e não seria difícil conquistar a praça indefesa. Dá-se o inevitável e o mundo tem uma desgraçada a mais! Os meses correm entre dúvidas e ansiedades para Katusha, que está para ser mãe. A princesa Sophya descobre a verdade. Revolta-se e expulsa a infeliz. Não vence a intervenção da princesa Marya, que apenas pode dar à infeliz alguns rublos para as primeiras necessidades. O temporal ruga lá fóra. Katusha dirige-se para a estação. Um combóio de tropas passa. Dentro dêle oficiais e mulheres riem, bebem e cantam. Dentro dêle, também canta, ri e bebe o príncipe Dmitri Nekludoff, enquanto ao vento e à chuva a sua vítima tenta, desesperada, entrar para aquele combóio que leva, feliz, o homem que lhe matara tôdas as ilusões!

Sete anos passaram. O filho de Katusha morrerá. Que destino teve ela? O destino de tôdas as outras, o triste destino das que vendem o amor para viver! A Maslova sofredora passara na existência do príncipe Nekludoff como um simples incidente. A sua imagem desfizera-se e apenas uma vaga recordação lhe ficara daquela noite em que, rumo à fronteira turca, manchara a pureza de uma virgem que se entregara confiante na sinceridade de um grande amor. Katusha! Katusha Maslova! Talvez o príncipe nem mais lhe soubesse o nome!

Um dia... Juizes implacáveis constituíam o tribunal que deveria julgar uma mulher acusada de ter envenenado um rico comerciante, Smielkov. Agira de cumplicidade com uma certa Euphemya Botchkova e Simon Kartinkin, dizia o processo. Dêsse tribunal, fazia

o argumento de

Ressurreição

(Continuação da pág. 5)

parte Dmitri Nekludoff. Essa mulher era Katusha Maslova. Protestava veementemente pela sua inocência. Não tardou que Dmitri a reconhecesse. Dentro da sua própria consciência um outro tribunal se formou para julgá-lo e condená-lo, implacavelmente. Dmitri teve remorsos. O seu dever era reparar o mal que praticara, era, no momento, salvar aquela criatura, elevá-la, tirá-la do abismo a que a atirara.

Todos os esforços de Dmitri, no entanto, foram inúteis. O juri reconheceu-a culpada e Katusha Maslova foi condenada a trabalhos forçados na Sibéria.

Nekludoff, porém, não abandonaria a mísera à sua própria sorte. Ele era o único culpado. O seu dever impunha-lhe todos os sacrifícios.

Para rehabilitá-la, faria de Maslova sua esposa, obtida que fôsse para ela a clemência de Tzar.

A grande leva dos condenados. Rumo à Sibéria, rumo à terra do sofrimento, ao túmulo! Dmitri acompanhou-a, aproximou-se dela, confessou-lhe todo o remorso que lhe torturava a alma, Katusha ouviu-o sem recriminações. Pediu-lhe que retornasse. Ela seguiria o seu destino.

Na fronteira da Sibéria, antes de iniciarem os desterrados a longa marcha para as minas de prata, Katusha foi chamada ao gabinete do comandante da praça. Dmitri esperava-a. Tinha para ela uma boa notícia. A sentença que a condenara fôra comutada em exílio. Era livre e poderiam, fora da Rússia, estabelecer um lar legítimo. Ajuda-la-ia a esquecer todos os sofrimentos. E interroga-a: «Não me queres mais, Katusha?» Ao que ela responde: «Amo-te, querido. Jamais me esquecerei de ti». E acrescenta: «Volta para S. Petersburgo, e aproveita a tua influência para ajudares os infelizes. Assim, Dmitri, serás feliz!» Dmitri insiste e Katusha pede-lhe que espere até ao dia seguinte. Terá, então, uma resposta.

Não, ela não sacrificará o homem que ama. Partirá com as outras, com as outras sofrerá, até que a morte venha, enfim, dar-lhe a paz e a tranquillidade.

UMA NOITE DE RUSGA

(Continuação da pág. 13)

Êle perde se tu não intervens.
—E'-me indiferente.
—Tu não conheces a gente do *box*. Ele caiu numa armadilha.
—Pior para êle.
—Não te interessa saber que êle vive com essa mulher?
—Não.
—Já não pensas, então, nele?
—Já o não amo.

Apenas dias antes do combate Georget se convence da situação difícil em que se encontra. Procura de novo Charly, que faz todo o possível para remediar o tempo já perdido. Mas... o combate para o campeonato da Europa começa. Georget tenta triunfar. No seu camarim, Mariette, pela T. S. F., vai seguindo o desenrolar do combate.

Georget perde terreno. Limita-se já a uma defeza

inútil. Georget, ensanguentado, caiu no *ring*. 1, 2, 3, 4... Perdeu o campeonato. E está só. O público assobiou-o. Todos o abandonaram. Todos?

Quando, sôsinho, no ar triste da noite, sai, uma sombra avizinha-se dêle e dá-lhe carinhosamente o braço.

—Fazes-me mal.
—Doi-te?
—Sim.
—Queres ir a pé?
—Sim.
—Tu não choras?
—Não.
—Has-de ter a desforra... sim, tenho a certeza, tu verás... és forte... has-de voltar a ser forte...
—Perdão, Mariette.
—Não digas nada... tudo passou... vamos recomeçar.

SOCIEDADE GERAL DE FILMES

APRESENTA

NA
PROXIMA SEMANA
NO

AGUIA D'OURO

O mais espirituoso
e divertido fonofilme
francês de 1931

UMA NOITE DE RUSCA

Surpreendente produção
interpretada pelos afamados
artistas

Albert Préjean

Annabella

Lucien Baroux, Edith Mera,

Lerner e Constant Remy

Sob a direcção de

CARMINE GALLONE

Castelo Lopes, L.^{da}

A
P
R
E
S
E
N
T
A

Esta semana
no cine

AGUIA D'OURO

A
SUPER-PRODUÇÃO TODA
FALADA EM ESPANHOL

Ressurreição

com os consagrados artistas
Lupe Velez e Gilbert Roland

NA PROXIMA SEMANA

no
TRINDADE

o espirituoso filme

RATO DE HOTEL

com *Betty Stochfield, René Koral e Roland Fontain*